

HOLL, HENRIQUE RICARDO

*militar; rev. 1922; rev. 1924; col. Prestes; rev. 1930.

Henrique Ricardo Holl nasceu na cidade de São Paulo em 2 de fevereiro de 1898, filho de Henrique Holl e de Júlia Holl. Seu nome, por equívoco, aparece muitas vezes com a grafia Hall.

Assentou praça no Exército em 1915. Aspirante a oficial de artilharia em 1918, foi promovido a segundo-tenente em 1919 e a primeiro-tenente em 1921. Nesse posto, serviu como auxiliar de instrutor de artilharia da Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal. Exonerado do cargo no início de junho de 1922, ainda assim participou da Revolta de 5 de Julho de 1922, durante a qual a Escola Militar pretendia juntar-se à Vila Militar e ao forte de Copacabana para marchar sobre o palácio do Catete e depor o presidente Epitácio Pessoa.

NAS REVOLTAS DE 1922 E 1924

Na madrugada do dia 5, ao fazer a ronda de vigilância, o oficial de dia na Escola Militar, capitão Óton de Oliveira Santos, notou que um grupo de oficiais e alunos estava reunido diante da casa do coronel João Maria Xavier de Brito Júnior, diretor da Fábrica de Cartuchos. Quando interpelou os primeiros-tenentes Estênio Caio de Albuquerque Lima e Henrique Ricardo Holl, recebeu destes voz de prisão. Entretanto, conseguiu escapar e foi prevenir o general Eduardo Monteiro de Barros, comandante da Escola Militar, de que esta se revoltara.

Enquanto isso, sob o comando do coronel Xavier de Brito, oficiais instrutores, entre os quais se incluíam Odílio Denis, Juarez Távora e Osvaldo Cordeiro de Farias, retiraram da Fábrica de Cartuchos munição suficiente para as operações militares e, à frente de 588 alunos, formaram uma coluna que avançou para a Vila Militar. Ao notar, porém, que as forças da Vila Militar não aderiam ao levante, o coronel Xavier de Brito decidiu recuar. Ao invés de engrossar a revolta, as forças da Vila Militar, que haviam sido controladas por oficiais legalistas, marcharam contra os revoltosos da escola. Na altura de Gericinó, travou-se o combate. O tenente Henrique Holl comandava a artilharia rebelde, e a luta durou quatro horas, deixando um saldo de mortos e feridos. Vendo-se derrotado e responsável por

cerca de seiscentas vidas, o coronel Xavier de Brito recuou até o edifício da Escola Militar e cessou a resistência. Poucas horas depois, toda a força rebelada, na qual se incluía o tenente Holl, foi presa.

Em dezembro de 1922, Holl foi posto em liberdade por força de *habeas-corpus* impetrado junto ao Supremo Tribunal Federal. Em dezembro do ano seguinte, porém, juntamente com outros oficiais implicados no levante, foi incurso no Código Penal Militar e pronunciado. Não se apresentou para julgamento e foi dado como desertor do Exército.

Entretanto, permanecendo ligado à jovem oficialidade revolucionária, os “tenentes”, participou em São Paulo — sob o nome falso de Ricardo Fischet Júnior — das articulações para a eclosão de novo levante em 1924. Morava na capital paulista, e em sua casa, na rua da Fábrica, abrigaram-se vários conspiradores, como Juarez Távora, e fizeram-se reuniões das quais participaram, entre outros, Miguel Costa, Eduardo Gomes, Joaquim Távora e Newton Estillac Leal.

Propositadamente marcado para o dia 5 de julho — data do levante frustrado de 1922 —, o movimento de 1924 irrompeu em Sergipe, Amazonas e São Paulo, tendo sido dominado com mais facilidade nos dois primeiros estados. Em São Paulo, os rebeldes, comandados pelo general da reserva Isidoro Dias Lopes, ocuparam a capital durante três semanas. Submetidos a forte bombardeio por parte das forças legalistas, ao cabo desse período decidiram abandonar a cidade e rumar para o interior em direção ao Paraná. Henrique Holl teve atuação destacada durante a retirada da capital paulista.

Entre fins de julho de 1924 e abril de 1925, os revolucionários de São Paulo comportaram-se como uma força volante, ingressando no Paraná e ocupando importantes posições na região oeste do estado. Fortalecidos com a adesão de revolucionários de 1922 exilados no Paraguai e no Uruguai, como Antônio de Siqueira Campos, mantiveram o Paraná conflagrado, resistindo ao combate das forças legalistas, e foram beneficiados pela abertura de nova frente de combate revolucionária no Rio Grande do Sul. No fim de outubro de 1924, diversas unidades gaúchas se levantaram sob o comando geral do capitão Luís Carlos Prestes, e as forças rebeladas no estado uniram-se em uma coluna que marchou para o Paraná ao encontro dos paulistas.

Finalmente, revolucionários paulistas e gaúchos reuniram-se em Foz do Iguaçu (PR) em abril de 1925, dando origem à Coluna Miguel Costa-Prestes. Sob o comando geral de

Miguel Costa, a coluna se dividia em duas brigadas: a Brigada do Rio Grande, com oitocentos homens, comandada por Prestes, e a Brigada São Paulo, com setecentos homens chefiados por Juarez Távora. Comissionado no posto de capitão, Henrique Ricardo Holl assumiu o comando do Batalhão de Artilharia Montada, integrante da Brigada São Paulo.

Iniciada a marcha da coluna, os revolucionários foram obrigados a penetrar no Paraguai para reingressar mais adiante em território brasileiro. Nessa fase das operações, como o transporte das peças de artilharia prejudicasse a mobilidade da coluna, Holl cumpriu as ordens de abandoná-las em território paraguaio. Entretanto, regressou no dia seguinte ao local onde havia ocultado os canhões para trazê-los de volta. Com a saúde debilitada, pouco depois Holl deixou a coluna, abrigando-se no Paraguai. A Coluna Miguel Costa-Prestes continuou sua marcha pelo território brasileiro, percorrendo 13 estados e só depondo as armas nos primeiros meses de 1927.

Em 4 de fevereiro de 1928, Henrique Holl foi condenado a um ano e quatro meses de reclusão por sua participação no levante de 1922.

NA REVOLUÇÃO DE 1930

Henrique Holl reapareceu em 1929, já então articulando o novo movimento revolucionário que se preparava no país. Em maio de 1930, quando morreu Siqueira Campos, assumiu o comando da conspiração em São Paulo, por incumbência de Osvaldo Aranha, coordenador gaúcho da revolução. Dessa vez o movimento não estava circunscrito às guarnições militares, mas envolvia também políticos opositores e os governos dos estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba.

Em São Paulo, Holl articulava-se basicamente com os políticos do Partido Democrático (PD) do estado. Em 17 de junho enviou a Belo Horizonte dois emissários que fizeram um relato pessimista sobre a situação em São Paulo, e em seguida procurou destacar elementos do PD para o interior do estado. Em julho, julgou ser necessária a ida de Miguel Costa, então na clandestinidade, a São Paulo, e alugou uma casa para hospedá-lo. O fato chegou ao conhecimento da polícia, e Holl, obrigado a deixar suas funções de coordenação, teve que fugir para o interior paulista, rumando depois para Buenos Aires.

Quando irrompeu a revolução, em 3 de outubro de 1930, Holl se encontrava em Porto Alegre. Nessa ocasião, por ordem do tenente-coronel Pedro Aurélio de Góis Monteiro,

chefe do estado-maior da revolução, empregou um lança-chamas, que ele mesmo havia fabricado em sigilo, no ataque ao 7º Batalhão de Caçadores, última unidade militar gaúcha a se entregar aos revolucionários. Aos primeiros disparos de Holl, um dos pavilhões do quartel incendiou-se. Ante apelos de outros líderes revolucionários, como José Antônio Flores da Cunha, Góis Monteiro ordenou a suspensão do fogo e negociou a rendição da unidade.

Holl integrava o grupo de comando da revolução e, depois de dominado o Rio Grande do Sul, rumou para o Paraná, onde participou da preparação do grande combate que se prenunciava entre revolucionários e legalistas na região da divisa com São Paulo. Mas a deposição do presidente Washington Luís, em 24 de outubro, tornou desnecessário o confronto. No dia 25, a bordo de um trem em território paranaense, o comandante das forças legalistas em São Paulo assinou sua capitulação. Henrique Holl se encontrava nesse trem.

Consolidada a vitória da revolução, no dia 15 de novembro, readmitido no Exército, Holl foi promovido a capitão. No período que se seguiu, filiou-se ao Clube 3 de Outubro, agremiação nacional de cunho tenentista que defendia o aprofundamento das medidas trazidas pela revolução. Promovido a major em fevereiro de 1933, ainda nesse ano passou a integrar a Comissão Brasileira de Estudos para a Indústria Militar, acompanhando o general José Fernandes Leite de Castro em viagem à Europa, onde permaneceu até 1937.

De volta ao Brasil, participou uma última vez da vida política nacional por ocasião da crise política entre o governo gaúcho e o governo federal, ocorrida pouco antes da instauração do Estado Novo (10/11/1937). Na oportunidade, foi enviado ao Rio Grande do Sul pelo chefe do Estado-Maior do Exército, general Góis Monteiro, a fim de inteirar-se da situação político-militar do estado e transmitir-lhe informes.

Promovido a tenente-coronel em 1939, nesse posto comandou o 4º Regimento de Artilharia Montada, sediado em Itu (SP). Entre 1940 e 1942, já em plena Segunda Guerra Mundial, foi adido militar na Alemanha, o último antes do rompimento de relações entre o Brasil e os países do Eixo. Promovido a coronel em 1943, passou para a reserva em janeiro de 1945 no posto de general de brigada.

Faleceu na Alemanha em 26 de junho de 1961.

Foi casado com Dolores Amigo Holl.

Amélia Coutinho

FONTES: ARQ. CLUBE 3 DE OUTUBRO; ARQ. GETÚLIO VARGAS; CARNEIRO, G. *História*; FONTOURA, J. *Memórias*; MIN. GUERRA. *Almanaque*; MONTEIRO, F. *Discurso*; NOGUEIRA FILHO, P. *Ideais*; SILVA, H. 1926; SILVA, H. 1930; SILVA, H. 1933; SILVA, H. 1937; TÁVORA, J. *Vida*.